

# ANTIGAS CARTAS EGÍPCIAS AOS MORTOS –

## CARTAS DE NEGÓCIOS MUITO PECULIARES?\*

JOANNA POPIELSKA-GRZYBOWSKA\*\*

**Resumo:** *Numa contextualização de argumentos históricos e linguísticos, a autora analisa as antigas cartas egípcias dirigidas aos mortos. Vai-se debater o seu papel e a relevância intrínseca do seu possível significado. No Egito antigo, o povo escreveu Cartas aos Mortos. Não obstante o facto de os egípcios terem sido muito prudentes e cuidadosos no que concerne ao funeral, a atenção aos túmulos dos antepassados, tal como a própria vida deles no Além, e as suas Cartas aos Mortos, viriam a revelar-se como sendo algo de extraordinário.*

*Na demonstração que explana e indagada pela autora, esta indubitavelmente atreve-se e presume que as cartas foram escritas para divulgar um determinado contrato entre o parente falecido e o parente vivo. Este tipo de correspondência epistolar informa-nos de forma plausível sobre uma troca negocial entre os vivos e os mortos.*

**Palavras-chave:** *Cartas aos Mortos; Egito antigo; interpretações da Epistolografia egípcia; escrita egípcia antiga.*

**Abstract:** *The author scrutinises, with reference to contextual arguments – historical and linguistic – the ancient Egyptians Letters to the Dead. The paper discusses their role and their tenable significance.*

*Ancient Egyptians wrote letters to the dead. Notwithstanding the fact that they were very prudent as far as care for the funeral was concerned, attentiveness to the ancestors' tombs as well as their life in the beyond, their Letters to the Dead had a quite extraordinary character.*

*The present author dares to assume that they were designed to divulge a certain contract between the deceased relative and the person alive. This kind of epistolographical writings informs us about a distinctive business exchange between the living and the dead.*

**Keywords:** *Letters to the Dead; ancient Egypt; interpretations of Egyptian Epistolography; ancient Egyptian writings.*

Endereço um convite a todos para uma viagem através da nossa mente, bastante distante, quer em termos de espaço, quer em termos de tempo, nomeadamente, o Egito Antigo.

Este artigo pretende correlacionar os argumentos contextuais decifrados em concreto com os procedimentos históricos e linguísticos sobre as cartas antigas egípcias dirigidas aos mortos.

A discussão incidirá não só pela forma como os egípcios escreviam e compunham as cartas, mas também irá especificar a sua relevância, ou seja, saber qual foi o seu papel e o significado possível das mesmas cartas.

---

\* Desejo exprimir o meu agradecimento aos organizadores do V Encontro CITCEM – intitulado *As Linhas e as Letras: Epistolografia e Memória da cultura escrita*, que foi muito estimulante para o nosso trabalho. Agradeço também ao Senhor Miguel Ângelo Lobo Gonçalves pela ajuda na correção da língua portuguesa deste artigo, por toda a ajuda e que sempre se disponibilizou para me auxiliar nos trabalhos.

\*\* Egiptóloga, Instituto das Culturas Mediterrâneas e Orientais – Academia Polaca das Ciências, Varsóvia, Polónia. Email: joannapopielskag@hotmail.com.

No Egito encontram-se muitas cartas dos vários períodos da história egípcia antiga<sup>1</sup> e todas elas são diferentes. Estima-se que um por cento das pessoas em geral sabiam ler e escrever, estando incluído nesta percentagem não só os homens, mas também as mulheres. É do nosso conhecimento a existência das correspondências epistolar real<sup>2</sup> e particular. As cartas eram elaboradas usualmente pelos escribas em escrita hierática, porém usada mais frequentemente quando eram escritas à mão ou também em egípcio demótico, mas com menos regularidade quando se tratava de hieróglifos<sup>3</sup>. Algumas eram gravadas nas paredes dos túmulos dos nobres, tendo como exemplo a carta composta pelo faraó Pepi Neferkara (cerca de 2245-2180 a.C.)<sup>4</sup> a Herkhuf, tratando-se duma carta reveladora de uma inquietação extremamente singular do jovem rei, onde pede a um seu funcionário para cuidar bem dum menino preto, durante a sua viagem e posteriormente apresentado ao faraó. O Pépi, pessoa nova, ficou ansioso, porque ia brincar com o outro menino<sup>5</sup>!

*Disseste nessa tua carta que trouxeste um pigmeu [provindo] dos dançarinos da terra dos Habitantes do Horizonte [...].*

*Verdadeiramente, tu sabes como fazer isto o que ama e adora teu senhor. Efetivamente tu passas o dia inteiro e a noite inteira a pensar, como fazer isto o que ama, louva e manda o teu senhor. Sua Majestade irá doar-te muitas e esplêndidas honras para o bem do teu filho. [...]*

*Vem a Norte à residência sem demora! Apressa-te e traz contigo esse pigmeu, que trouxeste da terra dos Habitantes do Horizonte, que viva em felicidade e saúde e que faça as danças de deus para contentamento do coração para alegrar o coração do rei do Alto e Baixo Egito Neferkara, que viva eternamente!*<sup>6</sup>

As cartas são fontes deveras preciosas, porque reveladoras da vida e da personalidade das pessoas que as escreveram, deixando-nos, assim, ter pelo menos uma noção, mínima que seja, da vida quotidiana, como é neste caso, em concreto, o dia-a-dia dos egípcios antigos.

As cartas aos vivos foram escritas em papiro, a tinta preta e vermelha. A parte vermelha, no entanto, era utilizada nas bandas mais importantes. Os egípcios escreveram em papiro com o pincel de cana. Na parte exterior escreviam o nome do destinatário, acrescentando a sua filiação, e às vezes também o nome do remetente, mas sem endereço, por razões óbvias, uma vez que as cartas eram entregues pelas pessoas que viajavam e concordavam levar as mesmas com eles, ou por pessoas indigitadas pelo rei, por exemplo, caso se se tratasse de cartas oficiais.

<sup>1</sup> Consultar, por exemplo: CAMINOS, 1972: 855-864; WENTE, 1990: *passim* e sobre as Cartas aos Mortos em particular: 210-219; ALLEN, 2000: 386-387.

<sup>2</sup> EICHLER, 1991: 141-171.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo: ALLEN, 2000: 1-2 e *passim*.

<sup>4</sup> SCHNEIDER, 1996: 493.

<sup>5</sup> LICHTHEIM, 1973: 23-27.

<sup>6</sup> Todas as traduções do egípcio antigo para português são feitas pela autora do artigo.

Se fosse em papiro, este seria dobrado para formar uma espécie de *pacotinho*, já que teria de ser prático o seu transporte, e, no final, as cartas eram carimbadas ou seladas, para não serem lidas pelas pessoas não autorizadas.

Geralmente, as cartas eram escritas em papiro. Como consequência desse facto, muitas delas deterioraram-se ou foram destruídas com o passar dos anos.

Sempre foi relevante e importante a forma como era apresentada a carta, tal como o uso das fórmulas tradicionais imprescindíveis para o começar e para o terminar do documento, em que o seu autor, por exemplo, chamava-se a si mesmo (traduzido à letra) «servente aí». Porém, dirigindo as suas palavras ao destinatário, escrevia «Senhor/Senhora» ou, curiosamente, «teu escritor», isto é, talvez quisesse dirigir a carta diretamente à pessoa que a fosse ler ao seu destinatário, e não propriamente a esse mesmo destinatário, ou seja, tratava-se aqui do seu escritor, sendo sugerido que o destinatário não tinha de ler a carta sozinho. De referir ainda que as pessoas da mesma condição social escreviam entre si, usando as palavras «minha irmã» ou «meu irmão», não se tratando forçosamente de familiares. Isto era apenas uma convenção e não significava que as pessoas eram da família<sup>7</sup>.

Os egiptólogos conhecem as cartas escritas pelos faraós e aos faraós<sup>8</sup>, mas também as cartas das pessoas ditas comuns<sup>9</sup>, que trataram frequentemente da apresentação de queixas contra alguém que as tinha prejudicado.

No entanto, com exceção das cartas aos vivos e trocadas entre si, o antigo povo do Egito escreveu cartas aos mortos<sup>10</sup>. Não obstante terem sido os egípcios muito prudentes e cuidadosos em relação ao funeral, é de relevar a atenção aos túmulos dos antepassados, tal como a própria vida deles no Além, onde as suas Cartas aos Mortos tinham um carácter extraordinário. Para este povo, particularmente, sobreviver à morte e ficar na memória dos vivos para sempre era um facto indispensável, devendo, de igual modo, ser necessário escrever aos seus mortos as cartas espirituais e sentidas, cheias de amor e carinho; porém, se os egípcios foram muito diferentes das outras nações antigas, também nesta questão mostraram uma atitude bem original.

Eram essas cartas, então, os registros da memória sobre o parente falecido? Nada mais enganador!

Não temos a certeza sobre a datação exata das Cartas aos Mortos, porque não sabemos a proveniência da sua maioria, nem o contexto arqueológico, sendo possível tão-só datá-las com base na paleografia dos sinais da escrita<sup>11</sup>.

Sabemos apenas que este tipo de cartas apareceu no fim do Antigo Reino (2740-2670 a.C.)<sup>12</sup> no Egito, isto é, no início do século XXII antes de Cristo, tendo as pessoas

7 CAMINOS, 1972: 855-857; WENTE, 1990: 1-12; ALLEN, 2000: 386; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2005: 73-75.

8 WENTE, 1990: 17-40; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2005: 75-76.

9 WENTE, 1990: 54-97; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2005: 77-78.

10 WENTE 1990: 210-218; ALLEN, 2000: 387; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2005: 78-81.

11 GARDINER, SETHÉ, 1928; GARDINER 1930: 19-22; PIANKOFF, CLÈRE, 1934: 157-169; SMITHER, 1942: 18; BEAR, 1966: 3; SIMPSON, 1966: 39-52; ROCCATI, 1967: 323-328; FECHT, 1969: 105-127; GOEDICKE, 1972: 95-98; SIMPSON, 1970: 58-64; GILULA, 1969: 216-217; SILVERMAN, 1980: 16-17, 21, 39; WENTE, 1975/76: 595-600; WENTE, 1990: 210-218; CZERWIK, 1999: 61-68; POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2005: 78-79.

12 SCHNEIDER, 1996: 492-493.

continuado a escrevê-las até o fim do Novo Reino (1539/0-1292 a.C.)<sup>13</sup>, ou seja, até ao século XI antes de Cristo. Uma está datada, com significativa probabilidade, para a dinastia 21 (1069-945 a.C.)<sup>14</sup>, que ultrapassa o Novo Reino.

As Cartas aos Mortos, na sua maioria, foram escritas em particular no final do Antigo Reino e no Primeiro Período Intermediário (2168/2198-2131/2161 a.C.)<sup>15</sup>, numa altura em que o Egito sofreu diferentes desordens sociais, políticas e até da própria natureza, tais como torrentes de chuva. E naquela altura, parece ser bem compreensível pedir ajuda aos entes mais próximos, que tinham mais poder e que podiam, até, ser os mediadores entre os familiares vivos e os falecidos, assim como, e de igual modo, aos deuses. Isto não revela a fé egípcia no poder mágico dos mortos, porque parece não ser o caso, muito menos na magia em geral. Porém, sendo o povo egípcio invulgar e distinto dos outros povos antigos, este acreditou numa criação religiosa da realidade e ninguém mais que os que viveram no Além puderam assistir à realização dessa realidade apenas pelo simples poder performativo da palavra – escrita e depois pronunciada em voz alta. Todavia, as Cartas aos Mortos não devem ser entendidas, nem tratadas, como os textos mágicos<sup>16</sup>, tendo em conta todos os estudos feitos pela autora deste artigo.

Hoje conhecemos 13 (ou 14) cartas deste género; uma delas é, na realidade, composta por duas cartas<sup>17</sup>.

A típica Carta ao Morto consistiu nas seguintes partes:

- 1/ o endereço do destinatário (e no geral o remetente);
- 2/ os cumprimentos;
- 3/ o relembrar ao falecido ancestral como o autor da carta o tratou bem e com atenção, exercendo o seu culto sepulcral e fazendo as oferendas de valor;
- 4/ a descrição do problema;
- 5/ o pedido ou a exigência de ajuda dirigida pelo autor da Carta ao Morto.

A generalidade das cartas que estamos a analisar foi publicada por Alan H. Gardiner e Kurt Sethe, numa altura em que se encontraram em Londres para estudar os textos egípcios, «tendo-se apercebido, por acaso», de treze linhas de texto no egípcio hierático escrito numa peça de linho, o chamado «Cairo Linen Text», tendo então descoberto um género de escrita desconhecido – as Cartas aos Mortos. Os resultados dos estudos apenas foram publicados após a Primeira Guerra Mundial, em 1928<sup>18</sup>. As análises mais exaustivas do assunto foram feitas pelos seguintes egiptólogos: A.H. Gardiner, K. Sethe («Egyptian Letters to the Dead mainly from the Old and Middle Kingdom»), cuja crítica escreveu B. Gunn<sup>19</sup>; J.J. Clère e A. Piankoff<sup>20</sup>; R. Grieshammer, no seu artigo principal para

---

<sup>13</sup> SCHNEIDER, 1996: 496-497.

<sup>14</sup> SCHNEIDER, 1996: 497.

<sup>15</sup> SCHNEIDER, 1996: 493-494.

<sup>16</sup> POPIELSKA-GRZYBOWSKA, 2011: 680-693.

<sup>17</sup> GARDINER, SETHE, 1928: 15-18.

<sup>18</sup> GARDINER, SETHE, 1928.

<sup>19</sup> GUNN, 1930: 147-155.

<sup>20</sup> PIANKOFF, CLÈRE, 1934: 157-169.

estudar as Cartas aos Mortos, isto é, «Briefe an Tote» em *Lexikon der Ägyptologie*<sup>21</sup>; W. K. Simpson<sup>22</sup>, A. Roccati<sup>23</sup>, M. Gilula<sup>24</sup> e D.P. Silverman<sup>25</sup>. A mais notável interpretação e feita recentemente foi apresentada por Michael O'Donoghue. Ele não se limitou apenas ao estudo do seu conteúdo, ou seja, não teve apenas em consideração a mensagem que as cartas pretendiam transmitir, mas também a sua forma; sugeriu um significado religioso quanto à relação entre o vivo e o morto e a apresentação do problema perante o Tribunal no Além<sup>26</sup>. Existem também os artigos que discutem as particularidades e os detalhes da escrita hierática das cartas, como por exemplo a publicação de D. Czerwik<sup>27</sup>.

As cartas em referência foram escritas sobretudo e vulgarmente em tigelas de argila. Porém, e como também já foi mencionado, em linho, em papiro, na parte de trás duma estela ou, enfim, na base dum vaso. As mais antigas foram escritas em papiro.

Podemos estar perante atos significantes e pertinentes, se atentarmos ao facto das cartas terem ficado gravadas em tigelas, e, no geral, assim é interpretado (veja por exemplo A. H. Gardiner e K. Sethe<sup>28</sup>), isto é, que dentro das tigelas os familiares deixaram trigo ou pão como oferenda para atrair a atenção do falecido, a quem a carta foi dirigida. Aliás, uma das cartas inicia-se com a fórmula da oferenda (tigela de Berlim).

B. Gunn presumiu que, se as pessoas sentissem a malvadez causada pelos espíritos atormentados, ou, simplesmente os mortos (que podiam sempre afetar a existência dos vivos, conforme crenças egípcias), nunca sabiam muito bem quem estava a influenciar a vida deles para o mal<sup>29</sup>. Por isso, o único método para reconhecer o malvado ou a malvada consistia em contactar os falecidos da família, porque só eles conseguiam ajudar, nesse caso, para se saber a verdade. Só os mortos sabiam tratar dos mortos.

Pela análise da visão linguística das cartas, é de destacar, e assim parece ser, que os mortos que fazem mal aos vivos podem ser chamados perante o Tribunal dos deuses, para que a pessoa maltratada receba justiça. Os vivos acreditavam no poder deste Tribunal, o mais importante de todos, podendo este parar ou interromper, bem assim prevenir, cada violação dos direitos e que também influenciavam, aliás, a ordem ou o equilíbrio do universo, a chamada *maat*. O antepassado tinha de representar o seu ente-vivo perante o Tribunal no Além.

Todas as cartas aqui verbalizadas, em concreto, foram redigidas aos parentes próximos: três delas aos pais, uma à mãe, uma a ambos os pais, três aos maridos e quatro às esposas, uma ao filho, e por fim, uma à irmã. Portanto, ficou assim demonstrada uma proximidade espiritual nas famílias; no entanto, a autora irá explanar mais adiante um possível e diferente motivo da intenção em escrever as cartas e que não está apenas relacionado com a espiritualidade.

21 GRISHAMMER, 1972: 864-870.

22 SIMPSON, 1966: 39-52; SIMPSON, 1970: 58-64.

23 ROCCATI, 1967: 323-328.

24 GILULA, 1969: 216-217.

25 SILVERMAN, 1980.

26 O'DONOGHUE, 1999: 87-104.

27 CZERWIK, 1999: 61-68.

28 GARDINDER, SETHE, 1928.

29 GUNN, 1930: 151-153.

Duas ou três cartas falam dum problema relacionado com espólio ou legado, mais concretamente, sobre alguém violar o direito dos filhos ou dos esposos na herança a si pertencente. Quatro ou cinco pronunciam-se sobre doenças, com origens, segundo julgam, em espíritos malignos dos mortos. Uma outra refere-se a um pedido para dar à luz um filho saudável. Nas demais cartas são mencionados problemas que não são claros ou bem esclarecidos.

Todavia, o cerne do problema tem sempre a ver com o morto num estado hostil. Eis o exemplo de uma carta escrita em papiro:

*O servente fala ao seu Senhor, (seu [filho] [H]eni diz):*

*A atenção milhões de vezes, isto é vantajoso dar atenção a alguém que cuida de ti, relativamente a isso que o teu servente Seni causa a este teu humilde servente (isto é, este que escreve a carta) por vê-lo no pesadelo na mesma cidade onde tu estás (ou seja, na terra dos mortos).*

*Olha, isto era o seu próprio carácter que o castigou.*

*Olha, isso não foi pela mão do teu humilde servente que lhe aconteceu o que tinha acontecido, E isto não é o fim de tudo o que vai acontecer.*

*Olha, não é minha (coisa) dar a sua mágoa.*

*Os outros agiram na presença do teu humilde servente.*

*Observa-lo atenciosamente para que tu não negligencies em observá-lo, até ele não verá o teu servente nunca mais.*

Indubitavelmente, as Cartas aos Mortos preenchem uma grande parte, exclusiva e única, da cultura egípcia antiga.

Elas não foram escritas para expressar tristeza e luto, após a perda, por morte, de um ente querido. Os cientistas conhecem apenas uma carta de amor escrita por um homem que ocupava um alto cargo de estado e que foi dirigida à esposa falecida, no Império Novo. As outras têm um significado completamente diferente. A autora desta narração atreve-se a presumir que elas foram escritas para divulgar um determinado contrato entre o parente falecido e o parente vivo. Consequentemente, este tipo de correspondência epistolar informa-nos sobre uma atividade negocial distinta e única ou sobre a troca dum negócio entre os vivos e os mortos. Para os egípcios, o simples ato de escrever as cartas era um procedimento importante. Todas as cartas seguem a fórmula oficial da própria carta, mas o conteúdo é muito particular e especial, porque exprime a preocupação séria do autor.

O importante é que as pessoas que têm problemas e que não os sabem resolver sozinhas, «oferecem» essas dificuldades aos seus ancestrais falecidos. Dirigem-lhes pedidos de ajuda, mas não se referem especialmente a pedidos humildes, a pedidos da pessoa que fica sem saber como agir, que fica desesperada. Trata-se de exigir assistência, uma ação concreta e real do antepassado.

Se estamos perante um comportamento peculiar, logo se compreende que os vivos tinham uma vantagem, uma espécie de estímulo para «animar» e incentivar os seus falecidos, mais concretamente o seu próximo, para encetar uma ação própria, qual fosse, a da assistência aos vivos na terra. Trata-se, assim, de um argumento de peso dos vivos, melhor

designado por culto sepulcral. Os egípcios antigos acreditavam que os mortos tinham de se alimentar, tal como os vivos, e por isso era imprescindível receber as oferendas dos seus familiares. Então, se o falecido próximo não quisesse ajudar, a família poderia deixar de fornecer as oferendas: carne, fruta, trigo e outras. Se não comia, o espírito não podia viver no Além e morreria da segunda e definitiva morte, destruindo também todas as lembranças da pessoa falecida na terra – até o seu nome desapareceria completamente, ou seja, ninguém se lembraria mais daquela pessoa. Foi uma ameaça terrível! Todavia, nenhum outro povo na história fez tanto para sobreviver, para persistir eternamente, como os egípcios antigos. Basta lembrarmo-nos do empenho na mumificação. Cada mumificação demorava 70 dias. Porém, foram feitos muitos outros esforços para viver fisicamente no corpo deixado na terra, em túmulo, e espiritualmente, na memória das pessoas que amaram e por quem foram amadas. Todo este empenho é uma criação da realidade desejada.

Assim, os vivos que ainda ficavam na terra lembravam aos mortos familiares que «é vantajoso fazer caso ou dar importância a esses que cuidam deles» (tigela de Hiw). Outrossim, os autores das cartas escreviam que, se os falecidos ajudarem, os deuses ficar-lhes-ão gratos. O marido que escreveu a sua carta na estela (que por curiosidade, como parece, foi encontrada no Museu de Cairo<sup>30</sup>, foi publicada e depois desapareceu) exprimiu literalmente que, se a sua esposa se dignasse favoravelmente a salvá-lo do pesadelo, ele iria fazer uma mesa de oferendas para ela – mas apenas quando o seu problema estivesse resolvido. Isto é um contrato: se tu me ajudares, se me fizeres bem, eu também te farei. Os mortos gozavam de grande poder e por isso não podiam deixar os seus próximos viver as dificuldades. No entanto, caso isso acontecesse, então deviam ser cautelosos, já que ninguém mais lhes iria exercer o culto sepulcral! Trata-se de algo incutido nos povos, próprio e natural, em que morrerão de segunda morte, consumidos pela Grande Devoradora.

É muito provável que as Cartas aos Mortos no Novo Reino tenham desaparecido, em prol das cartas dirigidas a deuses para lhes pedir intervenção e ajuda. Este último tipo de cartas, escritas a deuses, floresceu especialmente no Período Greco-Romano (332 a.C.-313 d.C.<sup>31</sup>) no Egito. Todavia, as cartas a deuses, como aquelas dirigidas aos mortos, descrevem o problema em que o remetente pede ajuda e, de igual modo, ele ou ela oferece a deus uma oferenda em troca, ou fala das oferendas que já fez e que deus devia reconhecer e, assim, satisfazer o desejo de quem fazia o pedido.

A autora demonstrou não só as prováveis interpretações das mensagens nas chamadas Cartas aos Mortos, como também indicou um carácter e feitos ímpares das cartas discutidas. Claramente, tratar as Cartas aos Mortos como sendo cartas de negócio, é um bocado exagerado e metafórico, mas dá para compreender melhor a natureza do pensamento egípcio, que foi muito prático e frequentemente no sentido «do ut des».

<sup>30</sup> WENTE, 1975/76: 595-600.

<sup>31</sup> SCHNEIDER, 1996: 500-502.

## BIBLIOGRAFIA

- ALLEN, James Peter (2000) – *Middle Egyptian: An Introduction to the Language and Culture of Hieroglyphs*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAER, Klaus (1966) – *A deed of endowment in a letter of the time of Ppjj I?* – «Zeitschrift Ägyptische Sprache und Altertumskunde», vol. 93, p. 1-9.
- CAMINOS, Richard A. (1972) – *Brief*. In OTTO, Eberhard, HELCK, Wolfgang ed. – *Lexikon der Ägyptologie*. Wiesbaden: Harrasowitz, col. 855-864.
- CZERWIK, Dorota (1999) – *Some Remarks on the Letters to the Dead from the First Intermediate Period* – «Göttinger Miszellen», vol. 173, p. 61-68.
- EICHLER, Eckhard (1991) – *Untersuchungen zu den Königsbriefen des Alten Reiches* – «Studien zu Altägyptischen Kultur», vol. 18, p. 141-171.
- FECHT, Gerhard (1969) – *Der Totenbrief von Naga-ed-Deir*. «MDAIK», vol. 24, p. 105-128.
- GARDINER, Alan Henderson (1930) – *A New Letter to the Dead*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 16, p. 19-22.
- GARDINER, Alan Henderson, SETHE, Kurt (1928) – *Egyptian Letters to the Dead*. London: Egyptian Exploration Society.
- GILULA, Mordechai (1969) – *Negative Sentences in a Letter to the Dead*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 55, p. 216-217.
- GOEDICKE, Hans (1972) – *The Letter to the Dead, Nag' Ed-Deir N 3500*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 58, p. 95-98.
- GRISHAMMER, Reinhard (1972) – *Briefe an Tote*. In OTTO, Eberhard, HELCK, Wolfgang ed. – *Lexikon der Ägyptologie*. Wiesbaden: Harrasowitz, col. 864-870.
- GUNN, John Battiscombe (1930) – *Notices of Recent Publications* – «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 16, p. 147-155.
- LICHTHEIM, Miriam (1973) – *Ancient Egyptian Literature*, volume I: *The Old and Middle Kingdoms*, Berkeley, Los Angeles – London: University of California Press.
- O'DONOGHUE, Michael (1999) – *The 'Letters to the Dead' and Ancient Egyptian Religion*. «Bulletin of the Australian Centre for Egyptology», vol. 10, p. 87-104.
- PIANKOFF, Alexander, CLÈRE, Jean (1934) – *A letter to the dead on a bowl in the Louvre*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 20, p. 157-169.
- POPIELSKA-GRZYBOWSKA, Joanna (2005) – *Zaranie dziejów, zaranie pisma. Inskrypcje okresu Starego Państwa, Tajemnice papirusów*, Wrocław, Warszawa, Kraków, p. 41-81.
- \_\_\_\_\_ (2011) – *Religious Reality Creation through Language in the Old Kingdom Religious Texts*. In BÁRTA, Miroslav, COPPENS, Filip, KREJČI, Jaromír ed. – *Abusir and Saqqara in the Year 2010*, Prague: Czech Institute of Egyptology, Faculty of Arts, Charles University in Prague, vol. 2, p. 680-693, bibliografia, p. 823-904.
- ROCCATI, Alessandro (1967) – *Due lettere ai morti*. «Rivista degli Studi Orientali», vol. 42, p. 323-328.
- SCHNEIDER, Thomas (1996) – *Lexikon der Pharaonen*, München, Zürich: dtv.
- SILVERMAN, David P. (1980) – *Interrogative constructions with JN and JN-JW in Old and Middle Egyptian*. Malibu: Undena Publications.
- SIMPSON, William Kelly (1966) – *The Letter to the Dead from the Tomb of Meru (N 3737) at Nag' ed-Deir*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 52, p. 39-52.
- \_\_\_\_\_ (1970) – *A Late Old Kingdom Letter to the Dead from Naga ed-Deir N 3500*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 56, p. 58-64.
- SMITHER, Paul Cecil (1942) – *An Old Kingdom Letter Concerning the Crimes of Count Sabni*. «Journal of Egyptian Archaeology», vol. 28 p. 16-19.
- WENTE, Edward Frank (1975/76) – *A Misplaced Letter to the Dead*. «Orientalia Lovaniensia Periodica», vol. 6/7, p. 595-600.
- WENTE, Edward Frank (1990) – *Letters from Ancient Egypt*, Atlanta: Society of Biblical Literature.